

SARAH J. MAAS



CORTE
DE
GELO
E
ESTRELAS

TRADUÇÃO DE FILIPA AGUIAR

MARCADOR

info@marcador.pt
www.presenca.pt/collections/marcador
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2023

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

© 2018 Sarah J. Maas

Edição portuguesa de *A Court of Frost and Starlight* publicada pela Marcador com o acordo de Bloomsbury Publishing Inc.
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *A Court of Frost and Starlight*

Autora: Sarah J. Maas

Tradução: Filipa Aguiar

Revisão: Joaquim E. Oliveira e Filipa Soares/Editorial Presença

Ilustração da capa: HappyPets

Design da capa: Patti Ratchford

Arranjo de capa: Carlota Flieg/Marcador

Mapa © Kelly de Groot, 2017

Composição, impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 513 638/23

1.ª edição, Lisboa, junho, 2023

Aos leitores que olham para as estrelas e pedem desejos.

Prythian



Hybern



TERRAS MORTAIS

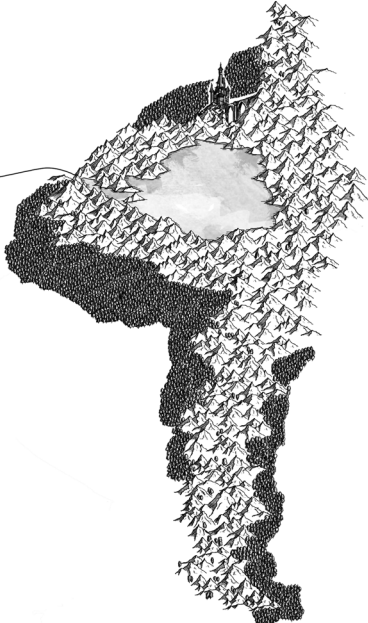


Vallahán

Montesere

Rask

TERRAS FEÉRICAS



A Duratha

Scythia

TERRAS MORTAIS



CAPÍTULO 1

Feyre

Há uma hora, as primeiras neves de inverno tinham começado a fustigar Velaris.

A terra tinha finalmente congelado na semana anterior, e quando acabei de devorar a minha torrada com *bacon* ao pequeno-almoço, acompanhada de uma chávena de chá forte, as pedras pálidas da calçada estavam cobertas de um pó branco e fino.

Não fazia ideia do paradeiro de Rhys. Não estava na cama quando acordei, e o colchão já estava frio no lado dele. Isso não era anormal, porque, nos últimos tempos, andávamos ocupados quase ao ponto da exaustão.

Sentada à longa mesa de cerejeira na casa da cidade, franzi a testa ao observar a neve rodopiante do lado de lá das janelas de vidro decoradas com treliças de chumbo.

Houve uma altura em que tive medo das primeiras neves, e a ideia dos invernos longos e cruéis aterrorizava-me.

Mas foi um longo e cruel inverno o que me levou para dentro do bosque naquele dia, há quase dois anos. Um longo e cruel inverno que me deixou desesperada a ponto de matar um lobo, que, por fim, me trouxe até aqui — a esta vida, a esta... felicidade.

A neve caía, flocos espessos aterravam na erva seca do minúsculo quintal da frente, acumulando-se nas lanças e nos arcos da cerca decorativa.

Dentro de mim, a subir com cada floco rodopiante, um poder reluzente e gélido agitou-se. Eu era a Grande Senhora da Corte da Noite, sim, mas também aquela que foi abençoada com os dons de todas as cortes. Parecia que o inverno queria brincar.

Quando, por fim, despertei o suficiente para ser coerente, baixei o escudo adamantino negro que me protegia a mente e projetei um pensamento através da ponte de almas que havia entre mim e Rhys.

Para onde é que voaste logo de manhã?

A minha pergunta dissipou-se na escuridão. Um sinal certo de que o meu parceiro não estava, de todo, nas proximidades de Velaris. Provavelmente nem sequer estaria dentro das fronteiras da Corte da Noite. O que também se tornara habitual — ele andava a visitar os nossos aliados de guerra nos últimos meses para solidificar as nossas relações, estabelecer rotas comerciais e acompanhar as intenções de cada um deles nos tempos pós-muralha. Quando o meu trabalho o permitia, costumava ir com ele.

Peguei no prato, bebi o chá até restarem apenas as folhas e encaminhei-me até à cozinha. As brincadeiras com o gelo e com a neve podiam esperar.

Nuala estava já a preparar o almoço na bancada de trabalho, sem sinal da sua irmã gémea, Cerridwen. Ainda assim, dispensei-a quando tentou pegar nas minhas louças.

— Posso lavá-las — disse, como cumprimento.

Com a mão na massa, enquanto cozinhava um tipo de tarte de carne, Nuala esboçou um sorriso de gratidão e deixou-me lavar a louça. Uma fêmea de poucas palavras, embora nenhuma das gémeas pudesse ser considerada tímida. E muito menos quando trabalhavam — espiavam — tanto para Rhys como para Azriel.

— Ainda está a nevar — observei, algo inutilmente, a olhar pela janela da cozinha para o jardim adiante enquanto enxaguava o prato, o garfo e a chávena. Elain já tinha preparado o jardim para o inverno, cobrindo os arbustos e os canteiros mais delicados com anagem. — Será que vai parar?

Nuala pôs a massa trançada no topo da tarte e começou a unir as pontas, beliscando-as, os dedos, indistintos, a fazer um trabalho ágil e habilidoso.

— Vai ser bom ter um Solstício branco — comentou, com a voz melódica, mas baixa, plena de sussurros e de sombras. — Em alguns anos, foi bastante ameno.

Pois. O Solstício de Inverno. Dali a uma semana. Ser Grande Senhora ainda era uma novidade para mim, pelo que não fazia ideia de qual seria, formalmente, o papel que ia desempenhar nessa ocasião. Se tivéssemos de aturar uma Grande Sacerdotisa a conduzir uma cerimónia odiosa, como a de Ianthé no ano anterior...

Um ano. Deuses, passou quase um ano desde que Rhys reivindicou o acordo, desesperado por me livrar do veneno da Corte da Primavera, por me salvar do suplício. Se tivesse demorado mais um minuto, só a Mãe sabe o que poderia ter acontecido. Onde eu estaria agora.

A neve rodopiou e avançou no jardim, perdendo-se nas fibras acastanhadas da anagem que cobria os arbustos.

O meu parceiro — que trabalhou tão árdua e altruisticamente e sem qualquer esperança de que algum dia eu ficasse com ele.

Tínhamos lutado por aquele amor, tínhamos sangrado por ele. Rhys morreria por ele.

Eu ainda via aquele momento, tanto a dormir como acordada. O seu semblante quieto, o peito que não subia, o laço entre nós desfeito em pedaços. Ainda o sentia, aquele vazio no peito onde o vínculo tinha estado, onde *ele* tinha estado. Mesmo agora, com a ligação a fluir novamente entre nós como um rio de noites salpicadas de estrelas, o eco do seu desaparecimento mantinha-se. Roubava-me o sono, distraía-me das conversas, da pintura, dos momentos à mesa.

Rhys sabia exatamente por que razão me agarrava a ele com mais força durante certas noites, o porquê de haver momentos em que, mesmo sob o sol intenso e claro, eu lhe apertava a mão. O meu parceiro sabia-o porque *eu* sabia o motivo pelo qual o seu olhar, por vezes, se tornava distante, o porquê de ele ocasionalmente pestanejar a olhar para nós, como se não conseguisse acreditar, a esfregar o peito como que para aliviar uma dor.

Trabalhar ajudou. Ajudou-nos a ambos. Mantermo-nos ocupados, concentrados — eu tinha pavor dos dias de silêncio e ócio, dos instantes em que todos os pensamentos me aprisionavam. Quando não havia nada além de mim e da minha mente, e a memória de Rhys a cair, morto, no solo rochoso; e o rei de Hybern a partir o pescoço do meu pai; e todos os illyrianos a explodir no céu e a cair sob a forma de cinzas.

Talvez chegasse o dia em que nem sequer o trabalho me havia de servir de fortaleza para manter as memórias afastadas.

Felizmente, ainda havia muito a fazer em nome do futuro que já se adivinhava, e a reconstrução de Velaris depois dos ataques de Hybern seria apenas uma de várias grandes tarefas a empreender. Tínhamos ainda outros deveres tanto em Velaris como noutros locais: nas montanhas illyrianas, na Cidade Decepada, na imensidão de toda a Corte da Noite. E havia as restantes cortes de Prythian. E o novo mundo que surgia adiante.

Mas, primeiro, o Solstício. A noite mais longa do ano. Voltei-me para Nuala, que ainda trabalhava nas pontas da tarte.

— Também é um feriado especial aqui, não é? — perguntei, casualmente. — E não só nas cortes do Inverno e do Dia. — É na da Primavera.

— Ah, sim — respondeu, inclinando-se sobre a mesa para examinar a tarte. Espia habilidosa, treinada pelo próprio Azriel, e mestre na cozinha. — Adoramos este feriado. É íntimo, caloroso, lindo. Há trocas de oferendas, música, comida e, às vezes, um banquete sob as estrelas...

O oposto da festa enorme e selvagem que durava dias à qual fui sujeita no ano anterior. Mas... oferendas.

Teria de comprar prendas para todos. Não precisava de o fazer, mas *queria* fazê-lo, porque todos os meus amigos, agora a minha família, lutaram, sangraram e quase morreram.

Afastei a imagem que quase me dilacerou a mente: Nesta, dobrada sobre o corpo ferido de Cassian, os dois prontos a morrer juntos às mãos do rei de Hybern. O cadáver do meu pai atrás deles.

Mexi o pescoço, tentando afastar a tensão. Precisávamos mesmo de qualquer coisa para celebrar. Estarmos todos juntos durante uma ou duas horas tinha-se tornado raro.

— Também é um momento de descanso. E para refletir sobre a escuridão, sobre como permite que a luz brilhe — prosseguiu Nuala.

— Há alguma cerimónia?

Ela encolheu os ombros.

— Sim, mas nenhum de nós vai. É mais para aqueles que querem honrar o renascimento da luz e, em geral, eles passam a noite inteira sentados em completa escuridão. — Um sorriso fantasma. — Não é grande novidade para mim nem para a minha irmã. Nem para o Grande Senhor.

Ao assentir, tentei não parecer demasiado aliviada por não ter de ser arrastada para dentro de um templo durante horas.

Depois de deixar a louça limpa no pequeno suporte de madeira ao lado da pia, desejei bom trabalho a Nuala e subi para me vestir. Cerridwen já tinha separado a minha roupa, mas não vi sinal da gémea enquanto vestia a pesada camisola cor de carvão, as *leggings* pretas justas e as botas com forro de lã, tudo antes de fazer uma trança no cabelo.

Um ano antes, ter-me-iam enfiado em vestidos elegantes e joias para ser exibida diante de uma corte vaidosa que me sugava com os olhos, como se eu fosse uma égua parideira.

Aqui... Sorri ao olhar para o anel de prata e safira que tinha na mão esquerda. O anel que tinha conquistado à Tecelã do Bosque.

O meu sorriso esmaeceu um tudo-nada.

Também a conseguia ver. Stryga, de pé diante do rei de Hybern, coberta com o sangue das suas presas, enquanto as mãos do rei a agarravam pela cabeça e lhe partiam o pescoço, atirando-a depois às bestas dele.

Fechei os dedos, em punhos, a inspirar pelo nariz e a expirar pela boca, até que a leveza nos braços e nas pernas se dissipou e as paredes do quarto deixaram de me sufocar.

Consegui avaliar a variedade de objetos pessoais que havia no quarto de Rhys — no nosso quarto. Não era, de maneira nenhuma, um quarto pequeno, mas ultimamente tinha começado a parecer... apertado. A mesa de pau-rosa encostada a uma das paredes estava cheia de papéis e de livros, tanto dos meus negócios como dos dele; as minhas joias e roupas tiveram de ser divididas entre este e o meu antigo quarto. E havia também as armas.

Adagas e espadas, aljavas e arcos. Cocei a cabeça ao reparar na *clava* com um ar pesado e cruel que Rhys, de alguma maneira, tinha deixado ao lado da mesa sem que eu reparasse.

Nem sequer queria saber, mas não tinha dúvidas de que Cassian estava, de certa forma, por detrás daquilo.

Claro que podíamos guardar tudo no bolso entre os dois reinos, mas... Franzi a testa ao olhar para o meu próprio conjunto de lâminas illyrianas, recostado contra o imenso armário.

Se ficassemos presos em casa por causa da neve, talvez usasse o dia para organizar as coisas. Arranjar espaço para tudo, principalmente para a clava.

Seria desafiante, tendo em conta que era Elain quem ainda ocupava o quarto que ficava ao fundo do corredor. Nesta tinha escolhido uma casa no outro lado da cidade, mas optei por não pensar nisso durante muito tempo. Lucien, pelo menos, tinha começado a viver num elegante apartamento, perto do rio, um dia depois do nosso regresso dos campos de batalha. E da Corte da Primavera.

Eu não lhe tinha feito qualquer pergunta a respeito daquela visita — a Tamlin.

Lucien também não tinha dado explicações quanto ao olho negro e ao corte no lábio. Apenas me perguntara a mim e a Rhys se conhecíamos algum sítio onde pudesse ficar em Velaris, porque não nos queria causar mais incómodos ao ficar na casa da cidade e não queria ficar isolado na Casa do Vento.

Não tinha falado de Elain nem da proximidade que manteria com ela. A minha irmã não lhe pedira que ficasse ou que se fosse embora. E, caso se importasse com os hematomas estampados na cara do macho, não o revelara.

Mas ele foi ficando e arranjou maneiras de se manter ocupado, geralmente desaparecendo durante dias ou semanas.

Ainda assim, mesmo com Lucien e Nesta nas suas próprias residências, ultimamente, a casa da cidade andava um pouco apertada. E mais ainda ficava quando Mor, Cassian e Azriel apareciam para passar a noite. A Casa do Vento era demasiado grande, demasiado formal, demasiado longe da cidade. Era boa por uma ou duas noites, mas... eu adorava aquela casa.

Era o meu lar. O primeiro que tive a sério, de uma maneira que realmente contava.

Seria bom celebrar ali o Solstício com toda a gente, por mais abarrotada que ficasse.

Fiz uma careta ao observar o monte de papéis que ia ter de separar: cartas de outras cortes, de sacerdotisas em busca de ascensão na hierarquia e de reinos, tanto humanos como feéricos. Adiei a tarefa ao longo de semanas, até que finalmente lhes dediquei essa manhã para as ler.

Grande Senhora da Corte da Noite, Defensora do Arco-Íris e da...
Escrivaninha.

Soltei uma fungadela irónica e atirei a trança por cima de um ombro. Talvez contratasse um secretário pessoal como oferta de Solstício para mim

mesma. Alguém que lesse e respondesse àquelas coisas, que separasse o que era essencial do que podia ser posto de lado. Porque mais algum tempo para mim, para Rhys...

Teria de analisar o orçamento da corte, que Rhys nunca se dava ao trabalho de seguir, de forma a decidir o que se podia fazer para conseguir tal coisa. Tempo. Para ele e para mim.

Sabia que os nossos cofres estavam nutridos, que podíamos facilmente pagar sem sequer afetar a nossa fortuna, mas o trabalho não me importava. Adorava trabalhar, na verdade. Este território e este povo eram tanto parte do meu coração como do coração do meu parceiro. Até ontem, quase todas as horas em que me mantive acordada tinham sido dedicadas a ajudá-los. Até que, educada e graciosamente, me disseram para ir *para casa e aproveitar o feriado*.

Depois da guerra, o povo de Velaris cumpriu o desafio de reconstruir a cidade e ajudar os seus habitantes. Antes de eu própria ter sequer uma ideia quanto a *como* os ajudar, já tinham sido organizados vários comités para auxiliar a cidade. Depois disso, voluntariei-me, com um punhado deles, para desempenhar tarefas que iam desde arranjar lares para os desalojados pela destruição até visitar famílias afetadas pela guerra, além da ajuda aos sem-abrigo, para que se preparassem para o inverno com roupas e provisões.

Tudo aquilo era fundamental; e fazia tudo parte de um trabalho bom e prazeroso. No entanto... havia mais. Eu podia fazer *mais* para ajudar. Pessoalmente. Só ainda não o tinha descoberto.

Parecia que não era a única pessoa ansiosa para ajudar aqueles que tinham perdido tanto. Com o feriado, chegou um fluxo de novos voluntários. Eles encheram o salão público, perto do Palácio das Linhas e Joias, onde muitos dos comités tinham ficado aquartelados.

«A sua ajuda foi crucial, Senhora», disse-me uma matrona da caridade no dia anterior. «Tem cá vindo quase todos os dias — trabalhou até à exaustão. Tire a semana. Merece. Celebre com o seu parceiro.»

Tentei protestar, teimando que tinha de entregar mais roupas, distribuir mais lenha, mas a fada tinha acabado de falar para que o salão inteiro a ouvisse, cheio até ao limite de voluntários:

«Temos ajuda que chegue e quase nem sabemos o que fazer com ela.»

Quando tentei insistir, ela enxotou-me pela porta e fechou-a atrás de mim.

Entendido. A história repetiu-se em todas as outras organizações onde passei ontem à tarde.

«Vá para casa e aproveite o feriado.»

E foi o que acabei por fazer. Pelo menos a primeira parte. Porém, quanto a *aproveitar*...

A resposta de Rhys à minha pergunta sobre o seu paradeiro piscou finalmente através da ligação, carregada por um ronco de poder escuro e lustroso.

Estou no acampamento do Devlon.

E demoraste este tempo todo a responder?

Era uma grande distância até às montanhas illyrianas, de facto, mas a resposta não devia ter demorado tanto tempo a chegar.

Rhys soltou uma gargalhada sensual.

O Cassian estava a esbravejar. Nem parou para respirar.

O meu pobre bebé illyriano. Passamos o tempo a atormentar-te, não é?

A diversão de Rhys ondulou até mim, acariciando o meu ser interior com as mãos envoltas em noite. Mas parou, desaparecendo tão rapidamente quanto veio.

O Cassian está a discutir com o Devlon. Dou-te notícias mais tarde.

Com uma deliciosa carícia contra os meus sentidos, ele foi-se.

Em breve, receberia um relato completo sobre aquilo, mas para já...

Sorri para a neve que dançava do lado de fora das janelas.

CAPÍTULO 2

Rhysand

Mal passava das nove da manhã e Cassian já estava chateado. O aquoso sol de inverno tentou, sem sucesso, trespassar as nuvens que pairavam acima das montanhas illyrianas enquanto o vento se fazia ouvir sobre os picos cinzentos. Já havia uma camada de neve a cobrir o acampamento, uma visão daquilo que dali a pouco tempo aconteceria em Velaris.

Estava a nevar quando saí, ao alvorecer — quando regressasse, talvez já houvesse uma boa camada de gelo à minha espera. Não tive oportunidade para perguntar a Feyre, na nossa breve conversa através da ligação, há alguns minutos, mas talvez ela esteja a caminho, para vir dar um passeio comigo. E talvez me deixe mostrar-lhe como a Cidade da Luz Estelar brilha sob a neve fresca.

De facto, a minha parceira e a minha cidade pareciam estar a um mundo de distância do frenesim do acampamento Refúgio do Vento, aninhado num desfiladeiro montanhoso. Nem o vento frio que soprava entre os picos, traindo o próprio nome do acampamento ao levantar a neve, impedia os illyrianos de executar as suas tarefas quotidianas.

Os guerreiros deviam treinar nos diversos ringues virados para uma queda livre até ao pequeno vale mais abaixo; os que não estavam presentes tinham ido patrulhar as redondezas. Os machos que não conseguiram passar na fase de seleção de guerreiros deviam tomar conta dos diversos comércio, assumindo papéis de mercadores, ferreiros ou sapateiros. Para as fêmeas, restavam os trabalhos considerados inferiores.

Mas elas não viam as coisas dessa maneira. Nenhuma delas as via assim. As tarefas requeridas, independentemente de as fadas serem velhas ou novas, continuavam a ser as mesmas: cozinhar, limpar, tratar dos filhos, costurar, lavar a roupa... Havia honra nessas tarefas — era possível vê-las

orgulhosas e a fazer um bom trabalho. Mas não quando era *esperado* que todas as fêmeas que ali estavam o fizessem. E se fugissem a esses deveres, qualquer uma das seis damas no acampamento, ou quaisquer que fossem os machos que controlassem a vida delas, podiam castigá-las.

E assim tem sido desde que conheci este sítio, o povo da minha mãe. O mundo tinha renascido ao longo dos meses de guerra, a muralha fora destruída, transformando-se em nada. No entanto, algumas coisas não mudavam. Principalmente ali, onde as mudanças eram mais lentas do que o derretimento dos glaciares que havia naquelas montanhas. Eram tradições que remontavam a milhares de anos, deixadas praticamente inalteradas.

Até nós. Até agora.

Desviei a atenção do acampamento agitado para fora do limite dos ringues de treino demarcados com giz e estampeei uma expressão neutra no rosto quando Cassian enfrentou Devlon.

— As raparigas estão ocupadas com os preparativos para o Solstício — dizia o senhor do acampamento, com os braços cruzados. — As mulheres precisam de toda a ajuda que puderem ter para que tudo fique pronto a tempo. Podem treinar na próxima semana.

Perdi a conta às variações desta mesmíssima conversa que foram acontecendo ao longo das décadas em que Cassian insistiu em abordar o assunto perante Devlon.

O vento açoitou os cabelos negros de Cassian, mas o rosto do macho manteve a rigidez do granito quando se dirigiu ao guerreiro que relutantemente nos tinha treinado.

— As raparigas podem ajudar as mães *depois* do treino. Diminuímos o tempo de treino para duas horas. O resto do dia será suficiente para que auxiliem nos preparativos.

Devlon dirigiu os olhos cor de avelã para onde eu estava, a alguns metros de distância.

— Isso é uma ordem?

Encarei-o. Apesar da minha coroa, do meu poder, tive de me esforçar para não voltar a ser o menino trémulo que fui cinco séculos antes, no primeiro dia em que Devlon se pôs de pé, imponente, acima de mim, e me puxou para dentro do ringue de treino.

— Se o Cassian diz que é uma ordem, é porque o é.

Tinha-me ocorrido durante os anos em que tínhamos travado aquela mesma batalha com Devlon e os illyrianos que eu podia simplesmente entrar na mente dele, na mente de todos, e fazê-los concordar. Mas havia alguns limites que eu não podia nem ia ultrapassar. Cassian nunca me perdoaria.

Devlon grunhiu, formando uma espiral de vapor com o hálito.

— Uma hora.

— Duas horas — replicou Cassian, com as asas a abrir-se levemente enquanto manteve firme a posição severa. Eu tinha sido chamado nessa manhã para o ajudar a mantê-la.

A coisa devia estar complicada, se o meu irmão me tinha pedido que viesse. Mesmo muito complicada. Talvez precisássemos de uma presença permanente ali até que os illyrianos se lembrassem de coisas como consequências.

Mas a guerra tinha tido um grande impacto em todos, e, com a reconstrução, com a expansão dos territórios humanos, que vinham na nossa direção, e com outros reis feéricos a olhar para um mundo sem muralha e a querer saber até onde podiam ir e sair ilesos... Não tínhamos recursos para destacar fosse quem fosse. Ainda não os tínhamos. Talvez no verão seguinte, se o clima nas outras regiões se mantivesse calmo.

Os compinchas de Devlon demoravam-se no ringue mais próximo, a olhar para Cassian e para mim, tal como tinham feito durante as nossas vidas. Visto que tínhamos massacrado muitos deles no Rito de Sangue séculos antes, eles ainda mantinham alguma distância, mas... Foram os illyrianos que sangraram e lutaram nesse verão; eles sofreram a maior parte das perdas ao enfrentar o pior que havia em Hybern e no Caldeirão.

O facto de ter havido guerreiros sobreviventes era um testemunho a favor das capacidades deles e da liderança de Cassian, mas com os illyrianos isolados e ociosos, a sua perda começava a transformar-se numa coisa feia. Perigosa.

Nenhum de nós se tinha esquecido de que, no reinado de Amarantha, algumas das tropas de guerra se tinham curvado alegremente perante ela. E eu sabia que nenhum dos illyrianos se esquecerá de que tínhamos passado os primeiros meses depois da queda de Amarantha a caçar essas tropas desgarradas e a acabar com elas.

Sim, era necessária uma presença ali. Mas só mais tarde.

Devlon insistiu, cruzando os braços musculados.

— Os rapazes precisam de um bom Solstício depois de tudo aquilo que enfrentaram. Deixa que as raparigas lhes deem isso.

O filho da mãe sabia realmente as armas que devia empunhar, tanto as físicas como as verbais.

— Duas horas no ringue todas as manhãs — afirmou Cassian, com o tom severo que até eu sabia que não devia forçar, a não ser que quisesse provocar uma rixa. Ele não desviou o olhar de Devlon. — Os *rapazes* podem ajudar a decorar, limpar e cozinhar. Têm duas mãos.

— Alguns têm-nas — retorquiu Devlon. — Outros voltaram para casa sem uma delas.

Senti, mais do que vi, as palavras atingirem Cassian profundamente.

Era o custo da liderança dos meus exércitos: cada ferimento, morte, cicatriz... ele tomava-os a todos como falhas pessoais. E estar perto dos guerreiros, ver os seus membros em falta e os ferimentos brutais de que ainda recuperavam ou de que nunca recuperariam...

— Elas treinam durante noventa minutos — disse eu, a acalmar o poder sombrio que me começou a correr nas veias enquanto procurava um caminho em direção ao mundo, enfiando depois as mãos frias nos bolsos. Cassian, sabiamente, fingiu parecer indignado, expandindo as asas. Devlon abriu a boca, mas interrompi-o antes que ele pudesse gritar algo verdadeiramente estúpido. — Uma hora e meia todas as manhãs. Depois disso, fazem o trabalho doméstico, com os machos a ajudar sempre que puderem. — Olhei na direção das tendas permanentes, das pequenas casas de pedra e madeira espalhadas pelo amplo desfiladeiro e para cima dos picos cobertos de árvores atrás de nós. — Não te esqueças de que um grande número de fêmeas, Devlon, também sofreu perdas. Talvez não tenham perdido as mãos, mas eram os maridos, os filhos e os irmãos que estavam nos campos de batalha. Todos ajudam nos preparativos para o feriado e todos continuam a treinar.

Apontei para Cassian com o queixo, a gesticular para que me seguisse até à casa que ficava do outro lado do acampamento e que mantínhamos como base de operações semipermanente. Não havia nenhum canto do lado de dentro onde eu não tivesse possuído Feyre — a mesa da cozinha era a minha preferida, graças aos dias selvagens que se seguiram ao firmar do nosso vínculo, quando eu mal era capaz de estar perto dela sem estar... enterrado nela.

Já muito tempo se tinha passado, e quão distantes pareciam aqueles dias. Há uma vida.

Estava a precisar de férias.

A neve e o gelo estalavam sob as nossas botas conforme seguíamos para a estreita casa de pedra, de dois andares, que ficava no limite do arvoredo.

Não queria férias para descansar ou para visitar algum lugar, mas sim para passar mais do que um punhado de horas na mesma cama que a minha parceira.

Para ter mais do que algumas horas para dormir e para me enterrar nela. Parecia ser uma coisa ou outra ultimamente, o que era completamente inaceitável e tinha-me deixado estúpido de inúmeras maneiras diferentes.

A semana anterior tinha sido tão absurdamente atribulada, e eu estava tão desesperado pela sensação e pelo sabor de Feyre que a possuí durante o voo da Casa do Vento até à casa da cidade. Mesmo por cima de Velaris, para que todos vissem, não fosse pela proteção que conjurei; foram necessários movimentos cuidadosos. Fui planeando, durante meses, tornar aquele um momento realmente especial, mas com ela contra mim daquela

maneira, sozinhos no céu, bastou um olhar na direção dos seus olhos azul-acinzentados para que abrisse as suas calças.

No instante seguinte, quando entrei nela, quase nos atirei contra os telhados como um rapazinho illyriano. Feyre riu-se.

Vim-me com o ruído rouco que lhe saiu da boca.

Esse não foi o meu melhor momento, e não tinha dúvidas de que ainda voltaria a ter mais alguns desse género antes de o Solstício de Inverno nos garantir um dia de descanso.

Contive o desejo crescente até não passar de um rugido vago no fundo da mente e não disse nada até Cassian e eu quase termos atravessado a porta de entrada de madeira.

— Há mais alguma coisa que eu deva saber enquanto aqui estou?

Sacudi a neve das botas com um pontapé no portal e entrei. A mesa da cozinha estava mesmo no meio da divisão de entrada. Afastei a imagem de Feyre debruçada em cima do móvel.

Cassian exalou e bateu com a porta antes de fechar as asas e de se recostar contra ela.

— A discórdia está a crescer. Com tantos clãs a reunir-se para o Solstício, vai ser uma oportunidade para que a espalhem ainda mais.

Uma faísca do meu poder fez uma fogueira rugir na lareira e a pequena divisão do andar inferior aqueceu rapidamente. Mal passava de um sussurro de magia, mas tê-la libertado aliviou a tensão quase constante de manter tudo o que eu era, todo o poder sombrio, controlado. Sentei-me encostado à maldita mesa e cruzei os braços.

— Não é a primeira vez que lidamos com esta merda. Vamos voltar a fazê-lo.

Cassian abanou a cabeça, com os cabelos escuros à altura dos ombros a brilhar sob a luz aquosa que entrava pelas janelas da frente.

— Mas já não é como antigamente. Tu, eu e o Az... eles ressentiam-se de nós pelo que somos, por quem somos. Mas desta vez... *nós* mandámo-los para a batalha. *Eu* mandei-os para a batalha, Rhys. E agora não são apenas os filhos da mãe dos guerreiros que estão a resmungar, mas também as fêmeas. Elas acham que tu e eu os fizemos marchar para sul como um ato de vingança pelo tratamento que recebemos quando éramos miúdos, acham que posicionámos especificamente alguns dos machos nas linhas de frente para nos vingarmos.

Não era bom. Não era nada bom.

— Então, temos de lidar com isto com cautela. Descobrir de onde vem esse veneno e pôr-lhe um fim... pacificamente — esclareci quando Cassian ergueu as sobranceiras. — Não podemos entrar a matar para nos livrarmos disto.

Cassian coçou o queixo.

— Não, não podemos.